

## **Projeto de Extensão Grupo de Dança da UFJF**

Área Temática de Cultura

### Resumo

O “Grupo de Dança da UFJF” é um projeto de Extensão Universitária, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora. O principal objetivo do referido trabalho é integrar, através da Dança, os discentes das diversas unidades acadêmicas da UFJF e a comunidade externa à mesma. A prioridade metodológica encontra-se no desenvolvimento do trabalho na perspectiva da construção coletiva. Os resultados advindos do desenvolvimento desta atividade resumem-se em fortalecer os indivíduos, frente ao seu potencial criativo e expressivo, o que se percebe no estabelecimento de novos comportamentos sociais e afetivos por parte e entre tais pessoas. O processo aponta a possibilidade de utilização da Dança enquanto recurso auxiliar à formação geral dos indivíduos - entendida, aqui, enquanto aprendizagem da cultura.

### Autoras

Alice Mary Monteiro Mayer, Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> e Coordenadora do projeto  
Érica de Melo, graduanda e bolsista

### Instituição

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Palavras-chave: extensão universitária; dança; coletividade

### Introdução e objetivo

A Dança, enquanto conteúdo da Cultura Corporal, é trabalhada no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora como recurso educativo auxiliar ao processo do ensino e aprendizagem dos graduandos. Assim, este conteúdo vem auxiliar a capacitação e instrumentalização do futuro professor de Educação Física, sem ênfase na formação técnica e performática dos alunos como possíveis bailarinos. Desta forma, as atividades do “Grupo de Dança da UFJF” se baseiam em resgatar os mencionados aspectos, na busca de uma identidade técnica não padronizada. Além disso, vale frisar que o referido grupo constantemente é convidado a representar a UFJF em eventos artístico-culturais e científicos.

O projeto - processo nº 7190/99-99 da Pró-Reitoria de Extensão – vincula-se ao Programa Participação e cidadania, que visa estimular a construção de projetos de resgate e fortalecimento da cultura, memória e patrimônio, da cultura e da sociedade, da produção cultural artística nas artes plásticas, gráficas, música, dança, teatro e ligados à Rádio Universitária. Existe, no projeto, uma tentativa de articular: Ensino/Pesquisa/Extensão. Com isso, o mesmo contempla a vertente de ensino, uma vez que se dá a transmissão de conhecimento adquirido com base no quadro teórico da Educação Física, especificamente a Dança. Este processo acontece através do discente executor (bolsista de extensão). Como campo de pesquisa, é realizada coleta de dados dentro o projeto, como cumprimento de atividades de cursos de especialização, mestrado e doutoramento na área de Dança, Cultura, Comunicação e Arte. Situar a Dança como temática da Cultura Corporal significa apresentá-la, portanto, como meio de alcançar a expressão corporal enquanto linguagem. A importância desta “conquista”, do processo de expressar-se corporalmente está no fato de que, ao nos

“localizarmos” entre os seres vivos, enquanto seres locomotores, não há equívocos sobre a idéia de que estamos intensamente presos à dinâmica, à possibilidade de expressão corporal.

João Batista FREIRE (1991) considera que se “(...) pensarmos, por exemplo, que, entre os direitos humanos mais fundamentais está o de se expressar, podemos ter uma idéia da importância que representa a educação das expressões humanas, começando pela expressão corporal.” Entre as diversas áreas do conhecimento humano, encontra-se a Cultura Corporal que abrange o conhecimento produzido e acumulado em relação ao corpo, considerando-o enquanto uma unidade. Cabe, aqui, frisar, antes de dar continuidade à apresentação destas idéias sobre a Cultura Corporal, que, paralelamente à afirmação de que tal área abrange o conhecimento em relação ao corpo, deve existir um posicionamento consciente sobre o fato de que não é possível englobar em uma só dinâmica todo o conhecimento sobre o mesmo e, a respeito disso, comenta ASSMANN (1993. p. 9): “(...) Mas, poder enlatar todo o saber acerca do corpo? Olhe que não! Não apenas porque não existe o ‘corpo geral’ de todos, mas sempre o ‘corpo concreto’ de cada um. Há outras razões, (...), que têm tudo a ver com a impossibilidade de definir, de forma definitiva e absolutamente previsível, as ‘leis’ do real (...), especialmente da realidade dos seres vivos.”

Pode-se discriminar alguns temas específicos tratados por esta área do conhecimento, tais como a Ginástica, o Atletismo, a Dança, a Capoeira, os Desportos, as Brincadeiras Populares, a Mímica, o Teatro, entre outros, todos eles sendo utilizados como recurso auxiliar a formação geral do indivíduo, à educação do sujeito, uma vez que tratam o corpo como um “todo”, sendo, assim, formas de atividade que constituirão o conteúdo da Cultura Corporal. Percebe-se, então, a Dança como um destes temas... E a vivência não só da Dança, mas de todos os outros temas objetiva, prioritariamente, a apreensão da expressão corporal enquanto linguagem - o que nos afirma TAFFAREL (1992. p. 62). Segundo TAFFAREL (id.), “o homem se apropria da Cultura Corporal dispondo sua intencionalidade (o destaque é nosso) para o lúdico, o artístico, (...), o estético ou outros, que são representações, idéias, conceitos produzidos pela consciência (idem) social (...)”. TAFFAREL (ibid. p. 82) comenta que, para experimentar a Dança, visando a apreensão da expressão corporal como linguagem: “(...) há que se considerar que o seu aspecto expressivo se confronta, necessariamente, com a formalidade da técnica para sua execução, o que pode vir a esvaziar o aspecto verdadeiramente expressivo.

Neste sentido, deve-se entender que a Dança como arte não é uma transposição da vida, (...). Mas, como arte, deve encontrar os seus fundamentos na própria vida, concretizando-a numa expressão dela e não numa produção acrobática.” Talvez, seja esse o fator mais complexo no processo de experimentação da Dança, enquanto tema da Cultura Corporal: a decisão entre ensinar a técnica, em detrimento de uma expressão espontânea; e favorecer o surgimento da expressão espontânea, abandonando a formação técnica necessária à expressão certa. Parece que é preciso, primeiramente, desenvolver uma disponibilidade corporal para a apreensão de diversas habilidades de execução e expressão da Dança de forma geral, sem ênfase nas técnicas formais, permitindo a expressão desejada, sem deturpar o verdadeiro sentido nelas implícito.

TAFFAREL (ibid. p. 83) faz considerações bastante pertinentes quanto à aplicação das técnicas formalizadas: “(...) o desenvolvimento da técnica formal deve ocorrer paralelo ao desenvolvimento do pensamento abstrato, pois este permite a compreensão clara do significado da Dança e da exigência expressiva nela contida. Isso é válido se considerarmos que a técnica não pode separar-se das motivações psicológicas, ideológicas, sociais do executante, (...), das utilizações que faz das suas possibilidades corporais e da consciência que tem dos ‘outros’ a quem comunica.”

Vale salientar que a vivência da temática da Cultura Corporal deve ser considerada em sua relevância sócio-cultural; porém, de acordo com CHAVES (1997. p. 38), é preciso atentar

para que esta vivência não se prenda apenas “à transmissão destes conhecimentos, historicamente acumulados e coletivamente produzidos, mas, também, estabeleça um vínculo com a realidade e o tempo em que vivem (...)” os comunicadores e os aprendizes desta cultura. Os modelos para a apropriação da Cultura Corporal, nas concepções de DI GIORGI (1986. p. 20), não podem ser escolhidos “(...) fora do presente, isolados da experiência habitual do indivíduo, sendo freqüentemente até opostos a essas experiências.”

Assim, de acordo com as palavras de CHAVES (op. cit. p. 38), ao se vivenciar a Dança, enquanto tema da Cultura Corporal, é preciso considerar a experiência do indivíduo, “(...) suas vivências, seu corpo histórico de cidadão real, que traz seus próprios signos, sua própria expressão, que podem ser levados à reflexão e ao trabalho coletivo como fonte de pesquisa (...)” Desta maneira, cabe ressaltar que o primordial e urgente na experiência e na apropriação dos temas da Cultura Corporal é a possibilidade de apreender a expressão corporal enquanto linguagem.

#### Objetivos

Articular a extensão com o ensino e a pesquisa, numa perspectiva de dar suporte ao curso de Educação Física, com o apoio e envolvimento técnico-administrativo necessários; assegurar às comunidades envolvidas o acesso à prática da Dança, ampliando a democratização do ensino e aprendizado desta atividade; oportunizar aos alunos do curso de Educação Física a atuação na área de Dança, como parte de sua formação acadêmica, profissional, sob direção docente; oportunizar aos participantes o desenvolvimento do comportamento criativo e expressivo através da Dança; auxiliar o processo de conscientização crítica dos indivíduos enquanto seres corpóreos, acerca de sua função sócio-cultural e política; representar a UFJF em eventos.

#### Metodologia

A metodologia empregada se baseia na transmissão da Dança enquanto um dos conteúdos da Cultura Corporal, área do conhecimento da qual trata a Educação física. Diante desta perspectiva, o conteúdo é socializado considerando-se a realidade histórico-cultural dos indivíduos. As atividades são desenvolvidas possibilitando-se a construção coletiva, tanto para a formação técnica dos alunos, quanto para as composições coreográficas. Além disso, as atividades se baseiam nos princípios e valores do pensamento criativo, solicitando ao aluno soluções originais para situações novas ou já vivenciadas.

#### Resultados e discussão

Os integrantes do grupo, através da Dança, reconhecem que eles e os outros têm formas únicas de se moverem e que as pessoas não reagem igualmente às mesmas situações. Essa conscientização, permite-lhes a apreciação de sua individualidade e a aceitar a dos outros. Na Dança, são determinantes as possibilidades expressivas de cada aluno. Por isso, o aspecto mais complexo do ensino da Dança, a decisão de ensinar gestos e movimentos técnicos, não deve atuar de forma prejudicial à expressão espontânea, mas deve imprimir no discente um determinado pensamento/sentido/intuitivo da Dança para favorecer o surgimento da expressão espontânea.

Quanto ao conteúdo programático, ocorreram: aulas teórico-práticas de formação técnica e performática; desenvolvimento de técnicas criativas; laboratórios de expressão corporal; criação e produção coreográficas; apresentação artístico-cultural. Em relação à proposta metodológica, foram oportunizados trabalhos de desenvolvimento e manifestação do potencial criativo e expressivo dos componentes, através do movimento dançante.

O desenvolvimento das ações se deu na perspectiva da inovação na área de Dança, principalmente pelo fato de o grupo estar vinculado a uma instituição universitária, a qual busca não só a transmissão de conhecimentos mas, ainda, a produção de novos saberes. A

idéia de democratização do acesso à prática da Dança pela comunidade foi firmada, mantendo-se uma relação dialética universidade-comunidade com benefícios recíprocos. A principal dificuldade encontrada durante a concretização do projeto foi a constante alteração no seu quadro de pessoal (componentes), em termos quantitativos e qualitativos.

Como resultado, ressalta-se a conscientização dos indivíduos sobre novas tendências para a prática da Dança - mais humanizantes e menos tecnicistas - e sobre a necessidade de democratização desta arte. Os resultados têm sido utilizados como dados para grupos de estudos e pesquisa em Dança, Cultura, Comunicação e Arte, bem como para aprimoramento dos conteúdos aplicados na graduação, dentre as áreas de Dança no curso de Licenciatura Plena em Educação Física e Desportos da UFJF.

Estes resultados se firmam, ainda, enquanto indicadores de possíveis alterações ou de manutenção das características do projeto e como elementos para a determinação da identidade técnica e artística do mencionado grupo. Não houve receita incidente sobre o projeto, uma vez que não existiu cobrança de taxas referentes a inscrição ou mensalidade. Os custos decorrentes da utilização do espaço físico e do uso de materiais - permanentes e de consumo - da FAEFID foram assumidos pela própria unidade acadêmica em questão.

Não foram, desta forma, formalizadas relações com fundações de apoio através de convênios e contratos específicos. O trabalho de Dança pode tornar-se um movimento educativo e cultural que busca a formação de um indivíduo completo, dentro de moldes do pensamento idealista e DEMOCRÁTICO. Ao valorizar no ser humano a sua unidade constituída pelas vertentes cognitivas, éticas e estéticas, pretende aguçar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. Diante disto, é válido afirmar que, neste campo de atuação, deve existir um compromisso com a democratização do acesso ao “saber arte”, sendo necessárias algumas considerações sobre o tema.

Vale ressaltar que o tema da democratização está intimamente relacionado à idéia da EXTENSÃO. ANA MAE BARBOSA (1975. P. 24) já enfatiza a importância de concretização deste fato ao afirmar que o processo de ensino e aprendizagem hoje precisa “preocupar-se com a democratização do conhecimento da arte.” MATOS (1995. p. 5), concordando com BARBOSA, afirma que é preciso atentar para a “(...) necessidade de assumirmos o compromisso de ampliar o acesso da maioria da população aos domínios estéticos e artísticos, por meio de uma educação de qualidade.”

Ainda na tendência de suprir a necessidade desse tipo de discussão, vale salientar algumas asserções de LOUIS PORCHER (1982. p. 13): “(...) não há dúvida de que até uma época recente a arte sempre teve na sociedade uma conotação aristocrática, enquanto exercício de lazer e marca registrada da elite. As muralhas estéticas definiam o território fechado de uma certa forma de ócio elegante. Mas esse lazer ocioso, essa utilização do tempo livre não foram dados a todos por igual dentro da sociedade; constituiu-se em privilégio das classes sociais favorecidas, que foram também as classes sociais dominantes. Quando se tornou obrigatória, a escola (...) não se propunha a abrir a todos o acesso a esse tipo de responsabilidades”. PORCHER (ibid. p. 14) afirma que, a partir dessa idéia, decorrem alguns fatos importantes, tais como: “(...) o obscuro, mas ao mesmo tempo muito claro conflito que não foi ainda superado e que se baseia em duas confusões opostas e complementares. Por um lado, predomina a idéia de que a arte, seja na sua criação ou no seu consumo, é uma atividade aristocrática, portanto fora das possibilidades da multidão que precisa trabalhar para viver; por outro, o acesso aos valores estéticos obedece às leis misteriosas e quase sagradas, baseadas no dom gratuito, inato, fortuito. Eis uma dupla razão para que a escola atribua ao trabalho artístico uma importância apenas secundária ou indireta”.

Segundo o autor : “Foi preciso esperar muito tempo, até uma época bem recente, para perceber um fenômeno hoje em dia amplamente conhecido: a sensibilidade estética, o dom, o talento, a abertura para o mistério da arte não se repartem por igual entre as categorias sociais.

As classes favorecidas abundam em indivíduos detentores dessas capacidades; as classes sociais mais baixas, pelo contrário, só possuem tais indivíduos em proporções reduzidas. Tudo se passa como se o dom gratuito do talento e o acaso do gênio não fossem na realidade nem gratuitos nem fortuitos, mas claramente determinados pelo critério sociológico”. Porém, na verdade, comenta PORCHER (ibid. p. 14-15): “O imediato é, (...) mediado, a sensibilidade é construída, o talento pode ser formado, a inspiração adquirida, a emoção preparada, o dom não passa de uma maneira de denominar provisoriamente um processo que não é misterioso, mas que não sabemos ainda explicar: a sociedade camufla o seu trabalho debaixo das fumaças de uma natureza espertamente deformada.” É bem disso que se trata, com efeito, nos revela o autor (ibid. p. 15): “Fazer da arte uma atividade irracional e misteriosamente inspirada equivale inevitavelmente a ratificar e reforçar uma certa estrutura social. Numa perspectiva como essa, a escola vê sua função expressa com muita clareza. Se ela mantém esta definição da atividade estética, sustenta no plano escolar as desigualdades cuja origem não é escolar; não faz senão reproduzir, de acordo com uma famosa fórmula, um sistema socialmente marcado. Se quiser promover uma verdadeira democratização do acesso à arte, terá de propor uma outra noção da estética”. PORCHER (ibid. p. 23) finaliza, comentando que “talvez estejamos ali na presença do fenômeno - chave da escola atual: é no domínio das artes que a nossa sociedade de consumo se olha, com maior clareza, no espelho que ela propõe às gerações que ingressam na existência” e ainda que “é também por este caminho que a instituição escolar vai engajar-se numa verdadeira democratização com vistas ao acesso ao universo cultural até agora reservado às antropofagias da classe dominante”. Porém, esta situação “democrática” se faz ameaçadora à manutenção das regras e ideologias sociais dominantes que visam preservar valores e padrões em benefício próprio.

Em relação a este aspecto, afirma SILVA (1994. p. 78): “O indivíduo criativo, embora seja de grande importância para a sociedade, é visto também como alguém ameaçador por trazer no bojo de suas idéias originais e, muitas vezes, revolucionárias, o questionamento das formas de ser e pensar de um grupo social, fato este que poderia gerar momentos de desestabilização social e, provavelmente, mudanças na conformação deste grupo”. Frente a esta situação, a sociedade gera uma série de mecanismos que visam dificultar e, muitas vezes, impedir a expressão do potencial criativo, como pode ocorrer nos trabalhos com Dança, com o objetivo de evitar uma produção socialmente divergente. E esta “divergência” é considerada por alguns estudiosos da Educação como algo sadio, no sentido de que crêem não ser o meio educacional um espaço de consenso.

Sobre isto comenta MORAIS (1991. p. 11): “(...). Na verdade, se há um meio que deva exprimir vivamente a pluralidade da vida, bem como a sua dinâmica de contradições em contraponto, este é o meio educacional. É fundamental que a horrível ‘paz de cemitério’, muitas vezes forjada pelas ditaduras, não encontre lugar entre aqueles que escolheram (...) o caminho da liberdade, exato por acreditarem no projeto de uma educação transformadora possibilitada pela força de ideais democráticos. Todo consenso é uniformidade, e a uniformidade é a antievolução, a quebra do fluxo dialético básico da vida”.

## Conclusões

Por muitos estudiosos, a Educação é considerada como aprendizagem da cultura e, se assim ela se manifesta, são pertinentes algumas afirmações de REZENDE (1990. p. 72): “Se a educação se apresenta como trabalho gerador de cultura, uma de suas dimensões mais importantes passa a ser a socialização dessa mesma cultura. Em outras palavras, e com a preocupação de evitar o esquema capitalista de apropriação do capital por apenas algumas pessoas ou grupos, a ação cultural visa à apropriação coletiva da cultura.”

A cultura humana é uma Cultura Corporal, não importa a que se refira. É o corpo que realiza as intenções humanas. Constituímos uma espécie que não estabelece uma relação

direta com a natureza; essa relação é intermediada pela cultura, que são as construções humanas que compensam nossa fragilidade corporal, tornando possível essa relação com o mundo. Somos mais que um corpo biológico; nossa natureza, e isto parece constituir um paradoxo, é cultural. Estas são palavras de João B. Freire que elucidam a nítida relação entre corpo, aprendizagem da cultura/educação e existência humana.

Pode-se, inclusive, expandir a idéia de que educação é o processo de ensino, aprendizagem e produção de cultura. Aprender, produzir e transmitir a cultura nada mais é do que dar sentido à história do homem e das coisas, na sua profunda intimidade com os projetos humanos.

#### Referências bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. A Corporeidade como instância de critérios para a educação. In: Simpósio Paulista de Educação Física, 4, 1993, Rio Claro – SP (Transcrição/palestra).
- CHAVES, Elisângela. A Dança nas aulas de Educação Física Escolar. Viçosa: 1997. Monografia (Especialização em Dança Moderna Educacional) - UFV.
- DI GIORGI, C. Escola Nova. São Paulo: Ática, 1986.
- FREIRE, João Batista. O sensível e o inteligível: novos olhares sobre o corpo. São Paulo: 1991. Tese (Doutorado) - USP.
- TAFFAREL, C. N. Z.. “Metodologia do ensino da Educação Física: a questão da organização do conhecimento e sua abordagem metodológica”. In: PIMENTA, S. M. & LIBÂNEO (coord.). Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Teoria e Prática da Educação Artística. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MATOS, L. A. de. “O corpo, a Dança, a escola.” In: Coletânea de Artigos da daCi-Brasil. São Paulo, set., 1995.
- PORCHER, L. Educação Artística: luxo ou necessidade? Trad. Yan Michalski. São Paulo: Summus, 1982.
- REZENDE, A. M. de. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo: Cortez, 1990.
- SILVA, C. J. “Criatividade: bem me quer, mal me quer.” In: Criatividade: expressão e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1994.